

# JORNAL DA EDUCAÇÃO

[www.jornaldaeducacao.inf.br](http://www.jornaldaeducacao.inf.br)

# Dia do professor 2020



*Que o reconhecimento e valorização do trabalho dos professores conquistados neste ano letivo de 2020, seja incorporado ao novo normal do pós pandemia.*

*E que os pais continuem a participar ativamente da vida escolar de seus filhos, dando real valor à escola.*

*E que a delicadeza das gotas de orvalho que acariciam e hidratam as pétalas da rosa sejam a marca da suavidade dos dias vindouros na vida dos instituições de ensino.*

**Obrigado Professora!  
Obrigada Professor!**

Nesta edição em homenagem ao Dia do Professor, o Jornal da Educação convidou seus colunistas a relatarem suas experiências durante a pandemia.

Leia mais nas páginas internas

# A desafiadora profissão de professor

De todos, os profissionais que estão trabalhando em home office, os professores são, seguramente os que mais tiveram que se reinventar. A atuação dos docentes sempre foi considerada uma missão de vida. Durante a pandemia, essa necessária entrega ao trabalho ficou escancarada para a sociedade brasileira, sobretudo para os pais e responsáveis.

O ensino remoto entrou na vida dos professores e alunos da noite para o dia. E, segundo um levantamento, um em cada três, professores teve que enfrentar um desafio extra: aprender a usar as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) no ensino. A pesquisa mostrou que apenas 64,2% se sentiam confortáveis em usar.

Ou seja, estes professores tiveram que superar, além das barreiras pessoais e metodológicas, as de ordem tecnológica. Acrescente-se a esta realidade o fato de que muitos, sequer internet e computador de alto desempenho tinham em casa.

O exercício profissional, diante da necessidade de aulas remotas, tornou-se uma verdadeira maratona de superação e escancarou ainda mais que é preciso muito amor pela educação para continuar ensinando.

Em suas casas, aprenderam e adequaram-se aos equipamentos e, ao mesmo tempo, mudaram radicalmente seu método de ensino, além de ter que lidar, como todos os seres humanos,

com a ansiedade e os medos de contágio seu ou de familiares e amigos.

Além de desenvolver seu trabalho, nestes tempos de isolamento social a tecnologia passou a ser o principal recurso para continuar ensinando, portanto indispensável aprender a usar e familiarizar-se com ela.

Assim, em tempo recorde, foi necessário superar a ansiedade e a insegurança e dar conta, não somente de reinventar a maneira de ensinar e avaliar a aprendizagem, mas também de manter acessa a curiosidade e a vontade de aprender nos alunos. Missão talvez ainda mais desafiadora, pois a maioria dos estudantes gosta e vai para a escola porque ela é o seu melhor espaço de interação com os amigos, estudar, para estes estudantes é apenas mais um ‘detalhe’.

Nesta maratona solitária pelo conhecimento das ferramentas mais adequadas para ensinar, muitos professores sequer puderam contar com a ajuda de profissionais de TI. E ainda tiveram que fazer as vezes destes para auxiliar os pais a entrarem nas plataformas e a auxiliar os filhos. Mais uma vez, o autodidatismo foi a grande vedete. Muitos aprenderam na calada da noite, após um exaustivo dia de estudos e planejamento de aulas. E, grande parte com o auxílio dos filhos com quem tinham que compartilhar os equipamentos.

Na outra ponta, foi imprescindível a participação efetiva dos pais e responsáveis na vida escolar dos estudantes, que foram transformados em ‘alunos-filhos’. O que, espera-se, seja um dos legados da nova dinâmica de aprendizagem, especialmente para viabilizar o ensino híbrido. Os pais, acredita-se, ao mesmo tempo em que convivem com a dificuldade de trabalhar e acompanhar/auxiliar os filhos nos estudos dentro de casa, aprenderam a valorizar verdadeiramente a escola e os professores.

A dedicação dos docentes demonstrou na prática o que uma pesquisa conduzida pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) apontou. Pelo levantamento, 97,2% dos professores brasileiros escolheram a profissão de por causa da possibilidade de contribuir com a sociedade e no desenvolvimento de jovens e crianças especialmente os de classes menos favorecidas socialmente e economicamente.

Não por acaso, os professores, juntamente com os profissionais de saúde são os protagonistas do momento atua em todo o país. Na prática, os profissionais da saúde e os da educação, são os mais dedicados e firmes no propósito de ajudar. E o fazem com uma intensidade que não há como descrever em palavras.

Pelos meios de comunicação, conhe-

Por Flora Victoria\*

ceamos diversas histórias de superação e dedicação, mas também vieram notícias do aumento substancial dos distúrbios mentais decorrentes do estresse decorrente do trabalho e do isolamento social. Mas este é tema para outro editorial. Neste queremos somente agradecer.

Em todas as situações, a solidariedade entre os docentes foi comovente. A pesquisa da OCDE mostrou que 39% utilizaram sugestões de conteúdo ou dinâmicas dadas por colegas de profissão e outros procuraram na internet atividades de outros colegas para adaptar às suas turmas. Situação que resultou há 34 anos na criação do Jornal da Educação, num momento em que os professores constataram a necessidade de um veículo de interação.

Ou seja, o trabalho colaborativo é mais uma contribuição que demonstra, na prática, que a ajuda mútua aumenta a chance de ter sucesso na missão de ensinar. Seja em tempos de internet, seja em tempos em que os professores não tinham nenhuma ajuda seja governamental, seja pessoal, como na década de 1980, quando os próprios professores ligados a Associação de Professores de Joinville criaram o JE, exatamente para compartilhar entre si experiências exitosas.

**EXPEDIENTE**

JE

Ano XXXIV - Nº 331  
Outubro de 2020

Rua Padre Kolb, 99 Bl 12/104  
89202-350 Joinville - SC  
Fone: (47) 3433 6120 e 984150630

Endereço Eletrônico:  
[www.jornaldaeducacao.inf.br](http://www.jornaldaeducacao.inf.br)  
[jornalismo@jornaldaeducacao.inf.br](mailto:jornalismo@jornaldaeducacao.inf.br)

**Jornalista Responsável:**  
Maria Goreti Gomes DRT/SC  
ISSN 2237-2164 (Impresso)  
Reg. Especial de Título nº 0177593  
Impressão: Grafinorte  
Tiragem desta edição: 2000

Distribuição dirigida a assinantes, anunciantes e estabelecimentos de ensino dos municípios das regiões educacionais de Joinville e São Bento do Sul.

Os artigos e colunas assinados são de responsabilidade de seus autores

\*Flora Victoria é mestre em Psicologia Positiva

## Do norte da Grã-Bretanha à capital paulista: os impactos da pandemia para uma geração de alunos isolados

Por Titus Edge, diretor da St. Paul's School, em São Paulo

Vindo do interior da Escócia para assumir a chefia de uma escola britânica em São Paulo, não foi surpresa para mim que as temperaturas, a topografia e o ritmo de vida nas extremidades do norte da Grã-Bretanha contrastassem fortemente com os da maior cidade da América do Sul. No entanto, como educador, sempre fico buscando as semelhanças entre as escolas em todo o mundo. Por mais diferentes que possam parecer à primeira vista, os padrões logo emergem.

Um paralelo que eu não esperava encontrar quando fui nomeado para o cargo de diretor da St. Paul's School, em outubro de 2019, era que as escolas na Grã-Bretanha e no Brasil seriam fechadas para os alunos por conta da pandemia do novo Coronavírus. Assim como em meu último semestre na Grã-Bretanha, meu primeiro semestre no Brasil foi uma existência solitária em meio a salas de aula e corredores, campos e refeitório vazios.

Os professores de ambos os países enfrentam o desafio do ensino online com energia e criatividade, os pais adaptaram suas vidas à medida que suas casas se tornaram espaços de ensino e os alunos tiveram que ajustar seus hábitos de aprendizagem para se adequarem ao mundo virtual. No começo, foi tudo um tanto irreal. Alguns saudaram o ensino online como o novo futuro brilhante para a educação. Para outros, foi um expediente do momento e as limitações do currículo online foram aceitas como inevitável, mas temporária, à medida que lutamos contra o vírus.

Sete meses depois e ninguém mais tem a fantasia de que as crianças podem aprender mais rápida ou eficazmente online, se comparado ao ensino na sala de aula. Ninguém mais pode negar o custo emocional e físico que o fechamento de escolas tem causado às crianças. Passar hora após hora em uma tela, fazendo uma quantidade limitada de exercícios físicos, isolando-se das realidades de interação física e social – tudo isso deixará cicatrizes em uma geração já atingida por uma cultura de mídia social generalizada.

Por essa razão, enquanto o mundo tropeça para sair da quarentena e dá alguns passos em falso ao longo do caminho, a reabertura das escolas vem sendo priorizada pela maioria dos governos.

Em São Paulo, porém, as escolas continuam fechadas e a data prevista para uma reabertura parcial foi adiada mais uma vez, desta vez para novembro. Como o país enfrenta um desafio extremo no enfrentamento da pandemia, não há dúvida de que as autoridades locais enfrentam uma escolha difícil.

Como um convidado neste país, não é minha função dizer aos representantes eleitos como fazer seu trabalho ou julgar aqueles que têm que tomar decisões difíceis das quais dependem vidas. Mas também estou ciente de que nenhum plano de reabertura de escolas está isento de riscos, e de que os danos que esta doença pode infligir a indivíduos e comunidades não devem ser subestimados.



Titus Edge, diretor da St. Paul's School

Ao traçar uma saída para essa situação, é importante considerar também o custo final de manter a atual proibição de reabertura das escolas. Ao manter as crianças longe de suas salas de aula, não estamos apenas atrapalhando seu progresso acadêmico, mas negando-lhes a oportunidade de socializar, desenvolver e crescer juntos em uma comunidade física de aprendizagem.

As realidades sedentárias da vida online não contribuem em nada para desenvolver nossos jovens a serem saudáveis e ativos. O custo para a saúde mental de uma geração que não teve a oportunidade de se reunir e absorver toda a amplitude das experiências da infância deve ser ponderado cuidadosamente contra a ameaça representada pela pandemia.

A maioria das evidências disponíveis sugere que as crianças em idade escolar correm, no mínimo, o risco de contrair ou transmitir a Covid-19. Mas, em um momento em que shopping, bares, restaurantes, salões de beleza, academias e praias estão reabrindo para todas as idades, nossas escolas seguem fechadas e vazias.

Mas nossos filhos não devem ser educados para acreditar que o mundo pode se tornar livre de riscos. Eles precisam entender que os riscos requerem gerenciamento e que há uma diferença entre tomar medidas cuidadosas para alcançar um resultado positivo, por um lado, e ser imprudente, por outro. Tais medidas devem incluir verificações regulares de temperatura, estações de higienização das mãos, sistemas unidirecionais, salas de aula ventiladas e distanciamento social sempre que possível.

Os que correm maior risco - funcionários e alunos - podem precisar continuar online por enquanto, mas o custo social de não socializar nossos filhos, com a segurança e o mais rápido possível, não deve ser subestimado.

Um programa de reabertura das escolas pode ser cauteloso e gradual, necessitando de ajustes ocasionais ao longo do caminho. Ao tentar derrotar uma emergência de saúde a curto prazo, devemos estar atentos ao custo disso para o desenvolvimento educacional, físico, social, emocional e mental de nossos jovens a longo prazo.



Nos últimos anos, na edição de outubro do JE, tenho escrito sobre a trajetória de um/a docente devido ao dia do professor – comemorado em 15/10.

Apesar da pandemia que ainda nos assola e oferece possibilidades de refletir sobre o trabalho docente no ensino remoto e a delicada volta às aulas presenciais, vou manter a tradição porque neste ano um professor notável faz 100 anos de nascimento. Trata-se de Florestan Fernandes, professor de Sociologia da USP e autor de obras seminais sobre a desigualdade social no Brasil.

Como historiador da educação escolar, constato a participação ativa de Florestan na Campanha em Defesa da Escola Pública, que ocorreu nos anos que antecederam a definição da LDB de 1961.



**"Dizem que os acadêmicos e intelectuais devem ser neutros, mas não há neutralidade no pensamento."**

O campo educacional dividia-se entre os que lutavam pela escola pública, em que Florestan foi o combatente mais empenhado, e os defensores da escola privada, liderados por Carlos Lacerda. Como estratégia da Campanha em Defesa da Escola Pública, foi publicado, em 1º de julho de 1959, o Manifesto dos Educadores Mais Uma Vez Convocados. Segundo Demerval Saviani, o esforço de Florestan levou a discussão da LDB ao povo e ao sindicato dos operários mas se frustrou com o formato da LDB de 1961.

O envolvimento político e a produção acadêmica de Florestan sobre o campo escolar foram estudados por Débora Massa na sua tese de doutorado, defendida no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP.

**Norberto Dallabrida \* Professor da UDESC e coautor de "A Escola da República: os grupos escolares e a modernização do ensino primário em Santa Catarina (1911-1918) (Editora Mercado de Letras, 2011). E-mail: norbertodallabrida@gmail.com**

Esse trabalho acadêmico de fôlego foi transformado no livro "A produção sociológica de Florestan Fernandes e a problemática educacional: uma leitura (1941-1964)", de 2004, que tem os selos da Cabral Editora e Livraria Universitária. É preciso lembrar que a reflexão de Florestan continuou após o golpe de 1964, particularmente por ocasião da Assembleia Nacional Constituinte de 1987-1988, quando ele foi um dos principais responsáveis pelo capítulo sobre a educação.

De outro lado, a trajetória social de Florestan é muito instigante porque ele era filho de uma doméstica e pai desconhecido que abandonou o curso primário no terceiro ano e tornou-se professor de Sociologia da USP. Depois de trabalhar como engraxate, auxiliar de alfaiate e garçom, voltou a estudar e ingressou na universidade onde seria professor e



**"Dizem que os acadêmicos e intelectuais devem ser neutros, mas não há neutralidade no pensamento."**

pesquisador consagrado. Trata-se de um caso miraculoso que conseguiu romper a sua condição de classe social, que o também sociólogo Pierre Bourdieu chama de "trânsfuga".

A trajetória desse trânsfuga é contada, de forma brilhante, no documentário "Florestan Fernandes, o mestre", de Roberto Stefanelli, que pode ser acessado em: <https://youtu.be/ncGSS2yjhNw>

Neste momento difícil e incerto vivido pelo Brasil e, particularmente, pelo seu sistema escolar, a vida e a obra de Florestan Fernandes é um facho de luz que pode nos ajudar a recobrar a luta por uma sociedade cidadã e plural, bem como pela escola pública, gratuita e de qualidade.

# Minhas impressões (como pai) sobre o ensino remoto



O colunista Gilmar de Oliveira e Sandra Petry com os filhos Bruno, Louise e Bella moram em João Pessoa (PB)



Enquanto pai de 3 adolescentes (um rapaz de 18 anos na faculdade e duas adolescentes, de 14 anos, no 9º ano e de 17, no 2º ano), vejo que as aulas remotas trouxeram um pouco da escola, pelo menos em questão de conteúdos, para dentro de casa, pois pude acompanhar algumas falas e cenas das aulas.

Não sei se era ético ou não, mas a gente circula pela casa e ouve, nas manhãs, uns trechos, algumas falas dos professores e dos alunos... mas, ao mesmo tempo, vi questionamentos de meus filhos, participações deles e o empenho em prestar atenção, resolver exercícios e vencer a preguiça e a didática de alguns professores. Mas, ops... estou aqui como pai, não como educador.

Também surgiram dúvidas, no início das aulas remotas, sobre a qualidade e o tempo perdido, o aproveitamento de cada conteúdo.

Com o tempo, senti adaptação e até dias onde um ou outro filho sentia desinteresse pela aula, se dispersava com facilidade, ou simplesmente cortava a imagem e dormia. Como esta situação aconteceu aos milhares, as escolas proibiram os alunos de fechar a janela. Outras, fazem de conta que nada sabem.

Meu filho, estudante do curso de Ciência da Computação, tinha disciplinas em EaD, mas é uma modalidade diferente do ensino remoto. Ainda assim, se adaptou rapidamente, mas sentiu falta de maiores explicações e das aulas de laboratório, que ele fazia nas tardes. Percebi que ele perdeu a interação com os colegas, pois esse entrosamento é uma das coisas mais legais que surgem quando a pessoa entra na faculdade.

Tivemos de comprar um computador mais potente para ele trabalhar sistemas e programas. Minha dúvida é: como ficam estudantes que não possuem as mesmas condições? A maioria dos brasileiros não possui condições financeiras de ter um acesso à internet com alta velocidade, ou a chance de ter um computador com maior processamento ou até mesmo um celular que suporte o volume de dados, seja de uma aula de faculdade de computação, seja do Joãozinho lá da periferia em sua aula do 6º ano.

Minha filha de 17 anos sentiu dificuldades em tirar dúvidas, teve poucas dificuldades em aprender, usou bem os links e as plataformas de exercícios, mas as dicas e macetes para o ENEM ela percebeu que são mais eficazes pessoalmente. Não vi problemas de adaptação, mas vi que a interação fez falta. Mas como as avaliações vieram diferentes, houve rápida adaptação e suas notas subiram.

Já a minha caçula, de 14 anos, sempre a melhor aluna da sua classe, notou a necessidade de estudar mais à tarde, sozinha, pesquisando na internet e vendo vídeo-aulas. Assiste, participa e entende bem os conteúdos, mas notei dificuldades na interação, na participação e até em seu empenho na aula remota, deixando para aprender e fixar melhor o conteúdo sozinha, pela internet, com suas pesquisas.

A conversa escola ficou mais presente na mesa do jantar. Pude ver como lidaram com as reclamações contra as aulas fracas e dificuldades que perceberam no novo professor de inglês e senti orgulho dessa autonomia, da maturidade para lidarem com esta delicada situação.

Em geral, boa adaptação, mas nada substitui a aula presencial. O tempo de aula é curto para o grande volume de conteúdos, mas esta é a alternativa mais viável para a Educação continuar a ser o alicerce de nossa sociedade.

Quando à aprendizagem, continua igual: não sejamos hipócritas: a imensa maioria dos assuntos estudados são esquecidos poucos meses ou mesmo dias após a avaliação sobre o tema.

Para o ENEM e para agregar novos saberes a estes assuntos em cada disciplina, faz-se necessária revisão e nova gama de exercícios.

Portanto, no quesito aprendizagem, com conteúdos tão mortos e longe do dia-a-dia da vida das pessoas, o ensino remoto não mudou quase nada na vida dos alunos.

Final, praticamente nada aprendemos desses conteúdos para a vida. Servem apenas para responder às provas, infelizmente.

## Com a palavra Os estudantes

Bella Petry, 14 anos, 9º ano do Ensino Fundamental, colégio Século, João Pessoa-PB



Agora o uniforme pode facilmente ser trocado por pijama, as salas lotadas e barulhentas agora se resumem a um aparelho eletrônico e fones de ouvido. A caneta muitas vezes não encontra mais o papel. As cadeiras desconfortáveis deram lugar aos sofás, redes e até camas.

Mas o método de ensino, por sua vez, mesmo que de forma diferente, tem sido o mesmo. E às vezes até mais compreensivo, como deveria ser no princípio.

Uma coisa que as aulas remotas provaram é que para testar os conhecimentos do aluno, não é necessário uma prova sem direito à consulta. Pelo contrário!

As escolas estão treinando os alunos para um lugar que já ficou no passado, ignorando toda a acessibilidade que temos em pesquisa e cálculos. Pude observar que todas as notas subiram com o início das provas com consulta e, querendo ou não, o aluno aprende sempre que pesquisa e/ou discute alguma questão com os colegas.

Final, o ser humano deveria ser treinado para uma vida em conjunto e para

o futuro, e não para o passado — onde a pesquisa e o acesso à informação são restritos.

Há quem diga que foi prejudicial, mas em minha opinião foi benéfico: mostrou um caminho ao futuro, onde sempre conseguimos uma saída para os problemas com soluções criativas.



## Com a palavra a mãe e Orientadora Pedagógica

Sandra Petry - psicopedagoga e orientadora educacional, 49 anos, mãe de Bruno, Louise e Bella

Posso relatar duas versões referente ao ensino remoto: Primeiro como mãe, que vi e acompanhei meus 3 filhos adolescentes se esforçando para conseguir conciliar as aulas desta maneira, que exigiu uma mudança brusca de rotina sem oferecer adaptação: Todos, no início - tanto meus filhos quanto a escola tiveram que se adaptar à nova realidade, que ninguém imaginava que demoraria tanto tempo.

No início houve certo tumulto, preocupação em acompanhar esta nova realidade, tanto da escola quanto dos alunos.

Mas aos poucos tudo se encaixou e as aulas foram fluindo. Como o principal objetivo de uma aula remota é a interação entre a turma (alunos e professores) em tempo real e todo o processo de ensino e aprendizagem para a casa demanda autonomia e disciplina com horários, os alunos procuraram se organizar mais, conversaram mais e interagiram de forma a entregar as atividades e tarefas dentro do prazo.

Como cada um estava em casa, sentiram-se à vontade para pesquisar cada atividade,

inclusive as avaliativas, o que ofereceu a cada um a segurança do acerto. Pesquisando, foram a várias fontes, o que demandou leitura, comparação de textos, compilação de informações... e APRENDIZAGEM.

Minha esperança é que as escolas tornem-se menos rígidas e sigam o seu real objetivo: proporcionar aprendizado - e não “decorebas”, que logo são esquecidas.

Como tudo tem dois lados, ficou faltando a interação, a conversa pessoal, o encontro presencial entre eles. Mas acredito que podem tirar uma boa experiência para quando tudo voltar.

Segundo, como orientadora escolar e psicopedagoga: trabalho em escola de periferia e a grande maioria dos alunos não conseguiram acompanhar as aulas: uns não tem celular, outros não tem internet, outros moram longe para buscar as atividades em papel, pois os pais trabalham durante o dia.

Para estes, o ensino se “perdeu”, será necessário buscar outra forma de alcançar estes alunos e oferecer a oportunidade da aprendizagem.



Louise Petry de Oliveira, 17 anos, 2º ano do EM, Colégio Século

A educação remota é novidade para muitos estudantes, principalmente para os de ensino fundamental e médio. Com ela vieram soluções de problemas que nunca imaginamos passar, mas também acarretou os problemas por si própria.

Ouvi muitos relatos de amigos e a maioria se queixa do excesso de atividades e exercícios que são passados diariamente, fazendo com que a saúde mental — e às vezes até física — fosse prejudicada. A sobrecarga prejudica muito a capacidade de foco e qualidade de realização dos trabalhos que antes pareciam normais.

Bruno Petry de Oliveira, 18 anos, estudante do 1º ano de Ciência da Computação, no UNIPÊ, João Pessoa (PB)



Uma das maiores problemáticas do ensino remoto tem sido o excesso de atividades, excesso de distrações e principalmente a ausência de atenção como era dada pessoalmente.

É importante levar em consideração, que em muitas casas, é comum a falta de um ambiente de estudos adequado ou até mesmo a falta de acesso.

Independente de todos os fatores já citados, a conexão instável em nosso país é de longe a maior problemática, pois as operadoras não são obrigadas por lei a oferecer 100% do serviço contratado.



Coordenação: Yolanda Robert

Nos últimos dias, inúmeras notícias circulam sobre a chegada do PIX, um novo meio de pagamentos instantâneos (PI) e transações entre contas, que será uma alternativa com menor custo que o DOC (Documento de Ordem de Crédito) e a TED (Transferência Eletrônica Disponível) para os usuários.

O PIX permitirá transações 24 horas por dia, 7 dias na semana diferente dos meios atualmente existentes, que possuem limitações de horário e dias em sua operação. Além disso, a transação ocorrerá em poucos segundos, uma evidente vantagem sobre os meios de pagamento atualmente existentes.

Dentre os objetivos do PIX destaca-se a intenção de propiciar melhor competitividade entre instituições financeiras, maior agilidade nas operações e com menores tarifas.

Bancos e fintechs iniciaram o cadastramento de usuários que se utilizarão do

dores que disfarçados de pessoas com intenção de ajudar, capturavam dados e senhas pessoais.

Da mesma forma, a chegada do PIX deverá ser acompanhada por muitas tentativas de fraudes e golpes contra os usuários. E há uma primeira brecha que deverá ser solucionada pelo Banco Central para se evitar crimes, segundo o regulamento, se você receber um PIX e a pessoa que enviou o dinheiro alegar se tratar de uma fraude, o Banco Central poderá retirar o dinheiro de sua conta sem sua autorização.

Essa possibilidade de reversão do PIX nessa hipótese pode ser um dificultador para sua aceitação no varejo, pois o prejuízo em caso de transações fraudulentas seria do estabelecimento comercial.

Este tipo de reversão da operação, conhecido como Chargeback causa preocupações e faz com que o mercado busque formas adicionais de segurança para impedir transações fraudulentas.

## O PIX chegou - Entenda as vantagens e cuidados a observar

Por Francisco Gomes Junior\*

PIX, previsto para iniciar as operações em 16 de novembro, de acordo com a determinação do Banco Central. E nesse momento os primeiros problemas surgiram.

Fraudadores montaram falsos sites e domínios para ludibriar pessoas que buscavam realizar o cadastro. O objetivo é obter dados pessoais do maior número de vítimas possível com a intenção de praticar fraudes e outros crimes.

Neste momento, este é o primeiro cuidado que deve ser tomado, ao entrar no site do Banco ou fintech para realizar o cadastro, certifique-se de estar no endereço e domínio correto, verifique as chaves de segurança.

Os crimes cibernéticos que se utilizam de plataformas digitais utilizam-se, na maioria das vezes, de um elemento básico: a distração do usuário. A falta de atenção pode propiciar que se acabe entregando dados a criminosos.

Movimentos disruptivos e que alteram um cenário habitual para usuários, como deve ser o caso do PIX devem ser cercados de segurança e cuidados adicionais. Podemos nos lembrar de quando cartões bancários começaram a substituir o dinheiro, a dificuldade de muitas pessoas em operar no novo cenário e os fraudadores.

\*Francisco Gomes Junior é advogado sócio da OGF Advogados, formado pela PUC-SP, pós graduado em Direito de Telecomunicações pela UNB e Processo Civil pela GV Law - Fundação Getúlio Vargas. Foi Presidente da Comissão de Ética Empresarial e da Comissão de Direito Empresarial na OAB. Site: www.ogf.adv.br





Sábios da Antiguidade nos deixaram um rico legado de ensinamentos que tem influenciado a humanidade durante séculos, e que, provavelmente, nortearão a vida das futuras gerações ainda por algumas eras.

mas “a qualquer que te bater na face direita, ofereça-lhe também a outra.” Na China, Lao-Tsé recomendava: “Pagai o mal com o bem, porque o amor é vitorioso no ataque e invulnerável na defesa”. Seu compatriota Confúcio repetia: “É próprio de uma alma grande vingar-se das injúrias com benefícios.”

4. A prudência. Jesus: “Todo aquele que ouve as minhas palavras e as põe em prática é como um homem que construiu uma casa sobre a rocha. Caiu a chuva, uma torrente se abateu sobre a casa, mas ela não caiu, pois estava fundada sobre a rocha. Mas aquele que ouve as minhas palavras mas não as

Estudiosos têm percebido semelhanças entre as lições desses Mestres, embora estivessem separados uns dos outros por séculos e grandes distâncias geográficas. Vamos conhecer algumas dessas lições:

## LIÇÕES DOS GRANDES MESTRES DO PASSADO



1. Regra de ouro. Conhecida pelos cristãos através de Jesus: “Tudo o que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles.” Essa regra já havia sido preconizada por outras religiões predecessoras ao cristianismo. Confúcio já havia dito: “Se queres demonstrar como queres ser tratado, trata desta forma primeiro aos demais.” E do mesmo autor: “Não faça a outros o que você não quer que seja feito a você.” Os seguidores de Zoroastro ouviram dele: “Age como gostarias que agissem contigo”.

prática é semelhante a um homem que construiu sua casa na areia. Veio a chuva, a torrente se abateu sobre ela, e ela desabou. E foi grande a sua ruína.” Buda: “Assim como a chuva penetra numa casa mal coberta, também a paixão invade uma mente dispersa. Assim como a chuva não penetra numa casa bem coberta, igualmente a paixão não invade uma mente bem formada”.

5. O amor. Jesus: “Amarás a teu próximo como a ti mesmo.” Confúcio testemunhou o amor assim: “A melhor maneira de ser feliz é contribuir para a felicidade dos outros”.

6. O perdão. Jesus responde a Pedro que devemos perdoar a quem nos ofende até setenta vezes sete. Sócrates disse “Só quem entende a beleza do perdão, pode julgar seus semelhantes.”

Esta é uma síntese dos ensinamentos de alguns mestres da moral e da vida que repercutem até nossos dias. O Humanismo deve muito a esses grandes professores.

2. A oração. Jesus alertou: “Quando rezardes, não multipliqueis as palavras como fazem os pagãos; pensam que, devido à força de muitas palavras é que serão atendidos.” Seis séculos antes Zoroastro prescrevia: “O que lavra a terra com dedicação tem mais mérito religioso do que poderia obter com mil orações sem nada fazer”.

3. A paz. Contrariando o olhar por olhar da lei mosaica, Jesus surpreendeu seus contemporâneos ao dizer que eles não deviam resistir ao homem mau;

Fernando Bastos é escritor, ilustrador e artista plástico. Publicou dois livros: “Teofania” e “Crimes em nome de Deus”. E-mail: fernandolustador@gmail.com e Facebook: https://www.facebook.com/fernandocesar.bastos

## Retorno às aulas em Joinville será feito após estabilização do índice de risco



Com a manutenção do índice de Risco de Potencial do Coronavírus como Grave para a região de Joinville, as aulas no município, no fechamento desta edição, ainda não tinham data para retornar. A princípio, o retorno estava previsto para o dia 20 de outubro. A projeção era que Joinville tivesse as duas primeiras semanas do mês com a classificação como Alto, que é a condicionante para o retorno das aulas presenciais. A permanência da classificação como Grave altera o cronograma de retorno.

A Secretaria de Educação de Joinville ainda não estabeleceu nova data. Somente após a confirmação do índice Alto é que será feita a programação de volta

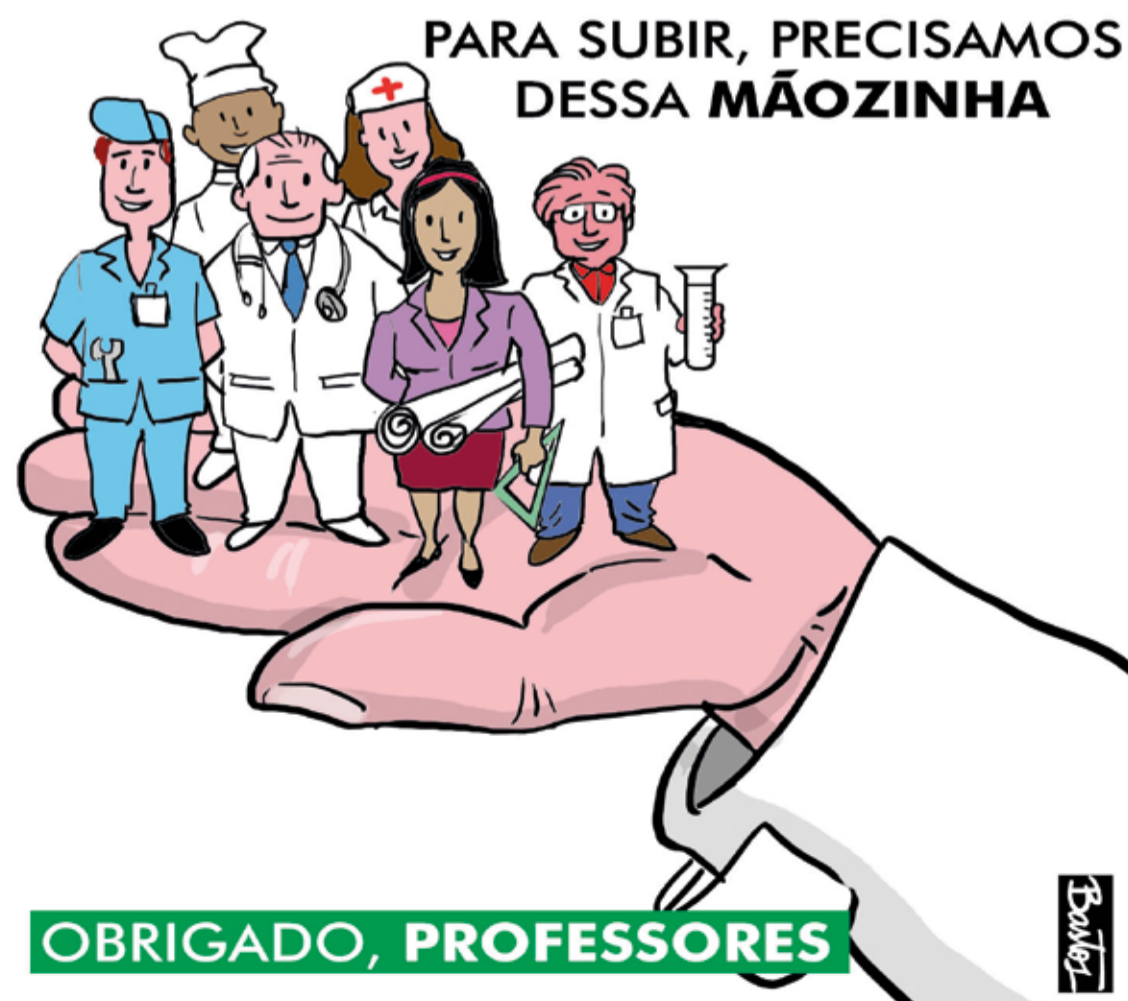
de 30% dos alunos de cada turma à sala de aula. Ou seja, a nova programação será feita após sete dias de oficializada a redução do Risco de Potencial, para evitar novo cancelamento da retomada das atividades. O índice é divulgado pelo governo do estado toda 5ª feira.

Caso Joinville for classificada como índice Alto, o retorno das aulas presenciais vai ocorrer somente se, depois de sete dias, esse quadro de estabilidade se mantiver. No momento do retorno, será feita a organização por turmas, priorizando a volta dos alunos das séries finais para as iniciais, em intervalos de 7 dias.

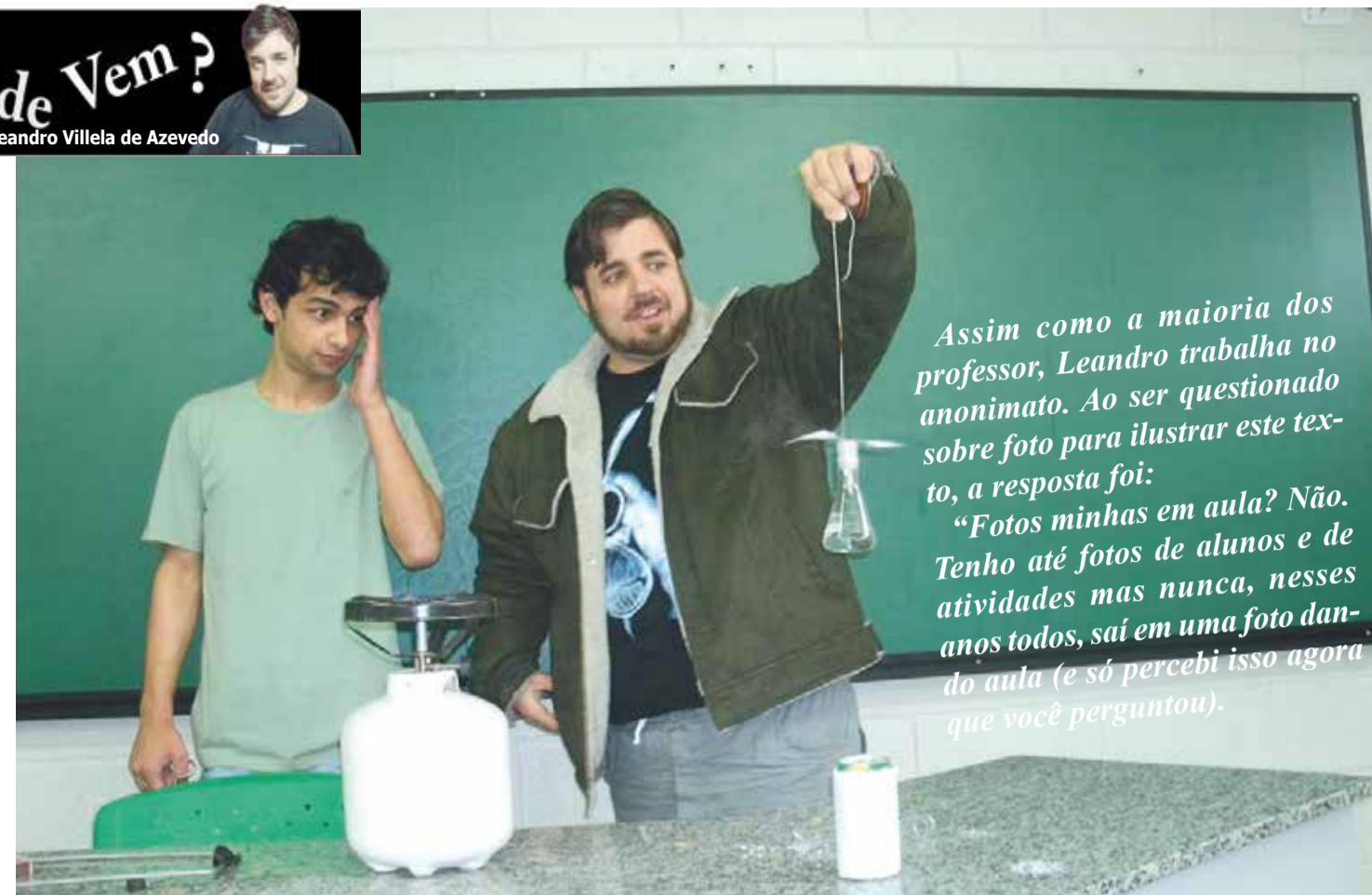
Esta definição segue a orientação da Portaria 778 do Governo do Estado: “o retorno das atividades escolares deve ser de forma gradativa, com intervalos mínimos de sete dias entre os grupos regressantes, em cada estabelecimento, com o monitoramento da evolução do contágio da COVID-19”.

### Atividades de reforço

A Secretaria da Educação está fazendo o planejamento do retorno para a realização das atividades extracurriculares (atividades lúdicas, culturais, tecnológicas ou esportivas) e de reforço pedagógico. Esse tipo de atividade pode ser realizada mesmo com o quadro de risco Grave.



Neste espaço, dando sequência aos relatos em homenagens ao Dia do Professor, o colunista professor Doutor Leandro Villela de Azevedo, coordenador da coluna “De Onde Vem?” relata sua experiência durante.



Assim como a maioria dos professor, Leandro trabalha no anonimato. Ao ser questionado sobre foto para ilustrar este texto, a resposta foi: “Fotos minhas em aula? Não. Tenho até fotos de alunos e de atividades mas nunca, nesses anos todos, saí em uma foto dançando aula (e só percebi isso agora que você perguntou).”

## DE PROFESSOR PARA PROFESSOR

Sou professor há 21 anos. Formado pela USP, com mestrado e doutorado pela USP. Já produzi coleções didáticas, sites educacionais, diversos blogs, canais no YouTube, entre outros. Sou articulista no Jornal de Educação há muitos e muitos anos.

Em teoria, em termos pessoais apenas, eu não deveria estar preocupado com o cenário em que vivemos, digo, com minha profissão e meu sustento. Afinal, alta experiência, alto conhecimento tecnológico e boa formação deveriam me deixar seguro, correto? Se fosse me preocupar seria apenas em termos ideológico com as demais pessoas, correto?

### Mas o fato é que estou desesperado.

Nesses meses vi meus colegas professores do superior um a um serem demitidos por turmas inteiras sendo fechadas, demissões em massa ocorrendo, cursos sendo fechados. Vi meus alunos pouco a pouco sumindo das aulas online seja por desmotivação quando a carreira, quanto ao curso ou por falta de capacidade de pagar as mensalidades.

As turmas estão com cerca de 5 a 8 alunos (onde antes eram salas com 40). Minha experiência quase toda é na rede particular de SP e grande SP (Educação Básica), e vi levadas inteiras de alunos que estudavam em escolas particulares mais baratas migrarem para as públicas. Os das escolas particulares caras, migraram para as mais em conta, o total de salas irem diminuindo.

Até mesmo uma famosa empresa de consultoria educacional especializada em recolocação profissional de professores praticamente dizendo que não adiantava contratar os serviços deles, pois era uma época onde as vagas estavam sumindo.

Um dado importante é que as turmas que estão desaparecendo no ensino

superior são as que vão (ou iriam) formar futuros professores.

Nesse novo país que estamos criando as vagas de professor são raras (o que faz sobrar professores sem emprego agora), mas ao mesmo tempo em médio prazo. A fuga dos profissionais ativos na área da educação (pois precisam sobreviver), aliada a fuga dos futuros profissionais de educação que nem vão se formar, vai gerar uma situação muito perigosa, a extrema escassez de professores daqui a 10 ou 20 anos.

Acontece que professor no Brasil nunca foi muito valorizado, sempre teve salários (na educação básica pelo menos) muito mais semelhante a profissões que não exigem ensino superior, do que àquelas que precisam de ensino superior. Sempre foi uma profissão que adotamos por amor e ideologia.

Agora, com uma boa parcela destes precisando migrar para outras áreas e aprendendo a sobreviver de outras formas, me digam, eles irão querer reentrar em sala de aula daqui a dez anos recebendo um terço do que estarão recebendo? E nas universidades? Quando, ao que parece, professores estiverem sendo contratados aos montes pois a grande oferta de empregos a professores vai gerar pessoas querendo seguir essa profissão, quando serão encontradas pessoas especializadas com mestrado e doutorado para assumir esses cargos?

Então, em termos emocionais estou realmente muito preocupado com nosso país e com os rumos que nossa educação irá tomar. E isso ainda se soma a perseguição política ideológica que muitos de nós professores estamos sofrendo.

Talvez seja mais difícil para as pessoas de exatas perceberem isso, mas a situação está ficando grave. Como professor de história eu pessoalmente já fui “atacado” por país pois em teoria estaria doutrinando

os seus filhos ao comunismo.

Eu, que não sou comunista, nem petista, recebi essas acusações por aulas simples. Por exemplo, explicar que na 2ª Guerra Mundial Hitler e Stálin eram inimigos. Que a URSS era aliada dos Estados Unidos (contrariando vídeos de um certo guru do governo que afirma o contrário).

Uma mãe descendente de japoneses que jurava de pé junto que o Japão era aliado dos EUA na 2ª Guerra e que era o inimigo era a China comunista (e que eu mentia para a filha dela pois eu seria comunista como os chineses).

Professores de geografia atacados por mostrarem listas do IDH ou de mortalidade infantil dos países da América Latina (pois mostrar que a mortalidade infantil de Cuba e Estados Unidos são muito semelhantes seria uma mentira criada pelos professores comunistas).

Professores de ciências atacados por explicarem sistema reprodutor. Professores atacados por ensinarem que a terra gira ao redor do sol. Professores sendo questionados do por que não ensinam que os índios seriam os culpados do desmatamento. E esses são os casos mais famosos e atuais, mas tudo parece virar uma problematização que traga acusações aos professores.

Faz poucos dias tivemos uma discussão nas redes sociais sobre o uso dos pronomes neutros em português (prática que faz parte da essência da língua inglesa). Tenho certeza que em poucos meses algum professor de inglês ainda será atacado por algum fundamentalista por conta do pronome neutro na língua (que existe há uns 1000 anos).

Isso pode ter sido um pouco reduzido durante o período de pandemia é verdade, mas temo muito pela voltar feroz destas situações unidas ao cenário explicado anteriormente.

A culpa sempre é do professor, o professor sempre é o lado fraco da corrente, seja financeiramente, seja ideologicamente. Ao ponto de nosso ministro da educação falar em alto e bom tom que qualquer pessoa que consiga sobreviver de outra forma que não dando aulas que o fariam, pois apenas quem não conseguisse fazer nenhuma outra coisa, seria professor.

O fato é que, provavelmente, nós professores tenhamos uma época das trevas pela frente.. E eu, como mestre e doutor em idade média posso afirmar .... é preciso muita inteligência e jogo de cintura para se sobreviver em épocas como essa.

A Idade Média nos trouxe o surgimento das universidades, dos sistemas bancários, muitos avanços arquitetônicos, de siderurgia, de maquinários complexos, da música, entre outros, mas também jogou muito peso nas costas de cientistas e professores para que pudessem se adaptar a outras situações.

O que eu espero do futuro da educação no país? Confesso que não sei o que irá acontecer. Confesso que tenho sonhos e devaneios que sei que são impossíveis...

Então, de forma realista, diria que o que eu espero é que sobrevivamos a essa época para que, a exemplo da Idade Média, possamos ressurgir dessas épocas difíceis assim como foi o ressurgimento após a peste negra... E... que possamos entrar em uma era a estilo do renascimento ou era das luzes, primavera dos povos, etc após essa fase ruim passar.

Professor Leandro Villela é mestre e doutor em História Social pela USP e professor da rede particular de ensino em São Paulo. É autor de coleções didáticas e paradidáticos.

## PROFESSOR, conte para o JE como está sendo sua experiência de trabalho

Mande seu depoimento ou sugestão de pauta para:

E-mail: [jornalismo@jornaldaeducacao.inf.br](mailto:jornalismo@jornaldaeducacao.inf.br) ou (47) 984150630 whatsapp

[www.jornaldaeducacao.inf.br](http://www.jornaldaeducacao.inf.br)

[facebook.com/Jornal da Educação](https://facebook.com/Jornal da Educação)



[www.jornaldaeducacao.inf.br/edicao-digital](http://www.jornaldaeducacao.inf.br/edicao-digital)

## Envie seu artigo para publicação na próxima edição do Caderno Científico do JE - JECC

Pesquisador, estudantes e professores já podem enviar seus artigos científicos e de opinião, relato de experiência e resenha para análise pela comissão científica, coordenada por Norberto Dallabrida para a 3ª edição da revista científica catarinense da educação - O **Jornal da Educação Caderno Científico - JECC**. A Comissão científica emite parecer e seleciona os trabalhos para a terceira edição.

Acesse nossa página e saiba as regras para envio pelo e-mail: [contato@jornaldaeducacao.inf.br](mailto:contato@jornaldaeducacao.inf.br) ou telefone/whats (47) 984150630.

As duas primeiras edições do JECC, estão disponíveis no endereço: [www.jornaldaeducacao.inf.br/edicao-digital-pdf.html](http://www.jornaldaeducacao.inf.br/edicao-digital-pdf.html), sem restrição de acesso.

A segunda edição teve a coordenação científica de Norberto Dallabrida (UDESC) e Douglas Leutprecht (UNISOCIESC).

Visite nosso site, conheça as normas para publicação e mande seu texto para análise.

## SED deve prorrogar editais de ACTs até 2021

A Secretaria de Estado da Educação (SED) planeja prorrogar os editais de processos seletivos vigentes de contratação de professores ACTs para o ano de 2021, de forma que a listagem de classificados no último processo seletivo possa ser usada ao longo do próximo ano letivo. Os contratos que expiram serão concluídos normalmente, sem prorrogação.

Os editais vigentes na rede estadual de ensino, e que podem ser prolongados com a medida, são os processos nº 1997/2018, nº 1998/2018, nº 1999/2018, nº 2836/2018, nº 2412/2019 e nº 2413/2019.

A possibilidade ocorre por conta da dificuldade imposta pelo distanciamento social causado pela pandemia de Covid-19. Não seria possível, por exemplo, realizar a prova escrita, pois geraria aglomeração significativa com milhares de candidatos e centenas de trabalhadores responsáveis pela operacionalização e pela logística de aplicação da prova.

Outros motivos levados em consideração incluem a falta de tempo hábil para elaboração de um novo processo seletivo



Foto: Cristiano Estrela-Secom

e as medidas de contenção de despesas, já que o processo seletivo desse porte tem custo estimado em R\$ 2,5 milhões. Levando em conta as normas de distanciamento social e de higienização impostas pela pandemia, o valor seria ainda mais alto neste ano.

Para a prorrogação dos editais e utilização da listagem do último processo seletivo, é necessário fazer uma alteração na Lei Estadual 16.861/2015, que normatiza a admissão de pessoal por prazo determinado no âmbito do Magistério Público Estadual. Para tanto, o Governo do Estado criou um Projeto de Lei e encaminhou à Assembleia Legislativa com objetivo de viabilizar a possibilidade de prorrogação dos editais para 2021.

**FAÇA SEU CURSO DE**  
**PODOLOGIA**  
Trabalhe em clínicas médicas, estéticas ou salões de beleza.  
Rendimentos superiores a R\$ 4 mil/mensais

**AGENDE-SE E VEM!**  
Início das aulas 13/10

**IREI** INSTITUTO REFERÊNCIA EM EDUCAÇÃO INTEGRADA  
[www.irei.com.br](http://www.irei.com.br)

47 3422.8906 | 98843.0705  
[contato@irei.com.br](mailto:contato@irei.com.br)  
Rua Otto Boehm, 100 - América  
CEP 89201-700 - Joinville/SC